Depressão na contemporaneidade[1]

Teresa Pinheiro[2]

[1] As idéias deste artigo são reflexões que surgiram a partir da pesquisa denominada "Comparação clínica e metapsicológica entre pacientes portadores de lúpus eritematoso sistêmico e sujeitos melancólicos", fruto de um acordo entre o Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica (IP-UFRJ), o IPUB-UFRJ e o Serviço de Colagenoses do HUCFF-UFRJ, coordenada por Teresa Pinheiro, Julio Verztman e Glória Araújo.

[2] Psicanalista, membro da Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro, Professora do Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ e Pesquisadora do CNPq.

Depressão na contemporaneidade

Resumo:

A proposta deste artigo é apontar as semelhanças e diferenças entre a melancolia e casos de depressão na contemporaneidade. Nossa análise se dará através de três pontos: o primeiro pela relação desses pacientes com o tempo circunscrevendo a relação no que diz respeito às instâncias ideais e ao desejo; depois tomando a vergonha como diferencial da melancolia e as depressões contemporâneas: e por fim analisando a questão da perda nessas duas formas de organização psíquica

Palavras-chave: melancolia, depressão, temporalidade, vergonha.

Depression nowadays

Abstract:

This paper's aim is to sort out what is similar and what is different between melancholy and the nowadays cases of depression. There will be 3 points to analyze: the first one is the patient's relation to time according to ideal instances and wish; second one, the notion of shame as a possible mark of difference between melancholy and contemporary depression. Finally, there will be analyses the idea of loss in both forms of psychic organization.

Keywords: melancholy, depression, time, shame.

Pretendemos neste trabalho levantar algumas questões sobre a depressão na contemporaneidade, comparando-a com outras formas de depressão tais como, por exemplo, a que ocorre na melancolia. Esta comparação será feita a partir de três tópicos: da relação com o desejo, com a vergonha e com a imagem de si. É importante esclarecer que tomamos a depressão como uma ordenação sintomática e não uma categoria diagnóstica da atualidade. Vale também ressaltar que damos a esse quadro o nome de depressão contemporânea por entendermos que são formas de sofrimento psíquico da atualidade com características bem diversas da depressão histérica.

A questão do desejo na depressão e na melancolia

Nas ultimas décadas presenciamos uma verdadeira revolução da relação dos sujeitos com o tempo e o espaço. Vaz (2003) nos aponta como "as novas tecnologias de informação transformam o modo como nascemos, aprendemos, sonhamos, lutamos e morremos vide as fecundações in *vitro*, a educação à distância, os videogames, o sexo virtual, mísseis de precisão cirúrgica"[3]. Os avanços da medicina desde o advento da pílula anticoncepcional que desarticulou a sexualidade da função reprodutiva até a clonagem de Dolly, assim como o encurtamento das distâncias com os avanços das telecomunicações - que torna possível qualquer pessoa se comunicar com uma outra em tempo real através de uma web câmera e o acesso às informações que a Internet

[3] VAZ, P. Tempo e tecnologia in *Tempo dos tempos* (Org. Marcio DOCTORS), Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003,p.77.

disponibiliza democraticamente - enfim todos esses incrementos tecnológicos e bio-tecnológicos operaram sensíveis mudanças nas posições subjetivas e conseqüentemente operam mudanças nas formas de sofrimento psíquico do homem contemporâneo. Se a histeria foi o modo de sofrimento mais evidente no final do século XIX e do início do século XX, a depressão sem dúvida é a marca mais pregnante do fim do século XX e no nascimento do século XXI. Um crescente avanço de casos de depressão vem sendo constatado nos consultórios de psicanalistas, psiquiatras e nas unidades de atendimento de saúde mental. A relação desses pacientes com o tempo está presente em muitos dos sintomas que apresentam. Há neles uma aversão ao convívio com o desejo. Poderíamos dizer que as descrições clínicas que Freud relata nas suas descrições sobre a neurose também apontam na direção de que o aparelho psíquico descrito pela psicanálise é um aparelho que se organiza para se defender do desejo. A própria postulação sobre o recalque iria nesta direção. Mas na neurose temos essa organização sempre fracassando, a neurose obsessiva, melhor exemplo da ordenação contra o desejo, esta então, está fadada ao fracasso. E no final das contas, mesmo organizando-se contra o desejo as neuroses só podem ter o seu quinhão de prazer na domesticação desse desejo. Nesses pacientes da clínica da contemporaneidade o que vemos é o desejo como um sofrimento quase insuportável. Talvez porque, na cultura contemporânea, desejar leva necessariamente a uma outra equação diferente da que remete à parcialidade. Desejar não é mais conviver com aquilo que não se tem e que se almeja obter no futuro. A dimensão de futuro, por sua vez, pressupõe uma concepção de temporalidade ou de relação com o passado, o presente e o futuro. Para esses pacientes representar-se no futuro é quase impossível (Pinheiro,

1993, 1995). Nos relatos desses pacientes observa-se que não existe uma linha de continuidade entre o presente e o futuro. Há o hoje, o aqui e agora. O passado é uma sucessão de fatos ou cenas sem vínculo entre elas e o futuro é uma imagem fixa. O tempo não é percebido como contínuo. Entre uma coisa e outra, muitas vezes o que emerge é o vazio, pois o presente encontra-se desvinculado de um passado e da sua relação com o futuro.

Foi Winnicott o autor que melhor explorou a noção de continuidade. Segundo ele, a integração do *self* só é possível a partir da experiência de continuidade. Seria essa experiência que permitiria a integração. O desejar, como vemos nas neuroses, implica em perceber o tempo como contínuo e também em dar movimento a esta continuidade. O que vemos nesses pacientes é que a imagem que conseguem se forjar deles mesmos no futuro, trás consigo a exigência de se apresentar instantaneamente no presente a partir da evocação da imagem futura, como essa é uma exigência impossível de se realizar eles deprimem. Não há tempo para a espera, para a construção do futuro. Essa relação com o tempo e o desejo é parecida com a relação dos dependentes químicos com a droga. A diferença neste caso é que a droga sustenta o desejo do adicto enquanto que nesses pacientes o alvo do desejo é descartável e, como qualquer objeto de consumo, não se mantem no tempo. Se o que eles querem não é alcançável instantaneamente, então não serve. A relação com o tempo e com a vida é portanto pontual, se reduz ao aqui e agora. Só assim a vida fica um pouco mais palatável.

Com o melancólico não ocorre isso. O melancólico se apresenta como aquele que nunca desejou, como sendo aquele que jamais foi fisgado pelo desejo. A vida foi sempre

sem colorido, o tempo é o da eternidade. Não há pressa, não há espasmo, a vida é marcada por um “sempre” muito monótono. Nesse sentido, ele difere inteiramente do que estamos apontando no sofrimento da depressão atual

Lambotte(1993) na sua proposição metapsicológica da melancolia lança mão de um conceito por ela forjado e que denominou de “denegação de intenção” e que pode ajudar no entendimento da questão. Sua proposta se apóia na noção de intencionalidade, conceito da fenomenologia. Ela afirma que o sujeito melancólico, por não ter sido alvo da intenção, só pode ter com relação às coisas a mesma atitude de não intenção. Essa é a inteligibilidade que ela oferece para entendermos o não desejo do melancólico, e compreendermos a afirmação de que para eles sempre foi assim. Por essa razão eles se apresentam como “eu não sou nada”, “não quero nada” etc. Essas afirmações são como uma marca registrada da melancolia. Seriam, na verdade, segundo Lambotte enunciados de denegação de intenção. Neste caso a intenção vem como sinônimo de qualquer interesse ou o que a psicanálise chama de investimento. Sem investimento não há desejo. O conceito de denegação de intenção parece ter estreita ligação com a questão da temporalidade nos pacientes melancólicos e que pode ser aplicado também aos pacientes que sofrem de depressão na contemporaneidade. O investimento de que Freud fala é um investimento que possui sempre uma narrativa e a narrativa, por sua vez, é o fio que trama o tecido da existência e permite a noção de continuidade. Se a vida se apresenta em flashes e além disso, em flashes sem interesse, como desejar? O desejo tem pressa, como tem pressa tudo na contemporaneidade. A questão, portanto, não está na pressa. Mas pode-se conter a pressa fazendo o enredo do futuro. Se o sujeito só dispõe da imagem do presente e uma imagem de si no futuro,

mas não dispõe de uma narrativa que articule um flash com o outro, seu desejo está fadado a não se realizar e só lhe resta deprimir. Na melancolia, a imagem do futuro é a mesma do presente e a mesma do passado. A vida foi, é e será sempre igual, sem intenção. Na depressão é possível as vezes esboçar um desejo que rapidamente se esvanece. Esse é um dos pontos de diferença entre a depressão que aqui tratamos e a melancolia.

A vergonha na depressão e na melancolia

Freud, em 1917 aponta a vergonha como um fator diferencial entre os processos psíquicos do luto e da melancolia. As auto-acusações do melancólico mostrariam uma ausência de vergonha no falar sobre si mesmo. O melancólico diz dele mesmo coisas que normalmente envergonhariam ao neurótico. No paralelo entre o enlutado e o melancólico esse seria um dos fatores diferenciais dos dois processos relativos à perda do objeto. É interessante verificar a função que a vergonha desempenha nos melancólicos e nos deprimidos da contemporaneidade. Esses últimos se queixam enormemente de vergonha. Sentem muita vergonha e esse sofrimento pode tomar proporções bastante grandes[4]. Mas também, diferentemente dos neuróticos, essa vergonha geralmente não está associada nem à sexualidade nem à culpa. Não se trata de uma vergonha moral. Sentem vergonha, por exemplo, de uma espinha no rosto que ninguém percebe, sentem vergonha do que o outro pode achar sobre a performance

---

[4] Os estudos mais recentes de psiquiatria apontam o transtorno de ansiedade social – como o mais prevalente dos transtornos ansiosos. O National Comorbity Survey descreveu o transtorno de ansiedade social como sendo o terceiro transtorno psiquiátrico mais comum (13,3%), depois da depressão maior(13,7%) e da dependência ao álcool(14,1%) ver em NARD, A.E. – *Transtorno de ansiedade social: Fobia social – a timidez patológica*, Rio de Janeiro, MEDSI,2000.

social ou profissional deles, sentem vergonha do envelhecimento. Enfim, sentem uma vergonha ligada a uma imagem de si, por uma performance ou da imagem corporal.

O tema da vergonha está presente em diversos momentos da obra de Freud[5], não só em 1917. Ao longo de sua obra, o fundador da psicanálise apresenta 3 acepções diferentes da noção de vergonha. A primeira delas está diretamente ligada à sexualidade e encontra-se articulada ao recalcamento; funciona, assim como o nojo, como um deslocamento. Ela é também a artesã da censura. Aparece com freqüência nos sonhos típicos de nudez, ligada ao olhar de um outro e sobretudo ao pudor. A segunda aparece numa referência ao rubor. Neste caso encontra-se a mesma noção apresentada por Ferenczi (1993/ 1919)[6], no texto da materialidade histérica em que a menção ao rubor aparece como equivalente ao lapso, como denunciando o que seria insuportável para o ego no mostrar-se ao outro. A materialização seria de alguma maneira aquilo que o corpo evidencia e que escapa à censura egóica, um fracasso na função do segredo. Mas neste caso podemos pensar no medo de não atender ao que o outro deseja do sujeito, ou seja, um medo ligado ao ideal. A psicanálise na última década[7] produziu alguns textos importantes sobre o tema mas, quase sempre, sem fugir a nenhuma dessas figuras apontadas por Freud e Ferenczi. Essas duas primeiras estão perfeitamente de acordo com a neurose; seja na articulação com o recalque seja na relação com o desejo do outro ou das instâncias ideais.

---

[5] Cf. CANOSA, L. levantamento sobre a noção de vergonha na obra de Freud apresentado no II Encontro de Itatiaia em maio de 2004,

[6] FERENCZI. S. *Psicanálise III*, São Paulo, Martins Fontes,1993, p.41-54.

[7] Encontramos autores como Vincent de GAULEJAC, Serge TISSERON, André GREEN, GUILLOMENT entre outros.

A terceira acepção também é de ordem narcísica, mas aponta para a insuficiência. Uma insuficiência geralmente relacionada à aparência e não apresenta qualquer introspecção. Pode, no entanto, nos ajudar a compreender a depressão contemporânea. Trata-se de uma vergonha diante da sensação de insuficiência, vergonha, por exemplo, de estar aquém das exigências ditadas pela sociedade de consumo. Uma sociedade voltada para a performance em que, por exemplo, sentir vergonha ou arrependimento é tomado como um defeito. Uma sociedade em que ou se é semelhante na aparência, aos ditames padronizados pelo consumo, ou se está excluído. Essa terceira noção de vergonha não faz vínculo nem com o segredo nem com ideais sublimados.

A vergonha dos nossos dias não tem contato com uma narrativa pública, com uma tradição pública. As pessoas se envergonham por uma performance puramente individual. Vários autores[8] de outras áreas, tanto da história quanto da filosofia, estudaram a vergonha e fazem uma distinção entre a cultura da vergonha da época do herói grego como anterior à cultura da culpa. O contrário da culpa é a reparação enquanto que para a vergonha parece não existir nada que possa reparar. Enquanto a culpa é um estado privado de ansiedade a vergonha é pública. Sartre[9] trata a vergonha como fenômeno ligado ao visível. A vergonha estaria ligada ao ser visto por alguém ou por muitas pessoas. Olhar que acusaria, romperia a barreira da auto-estima, apontaria para o visível do eu, o corpo[10]. Aquilo a que o herói grego almejava era a celebridade que a bela morte ao ser

---

[8] Ver, DOODS E.R. – *Os gregos e o irracional*, Editora Escuta, São Paulo, 2002, WILLIAMS, B. *La honte et la nécessité*, PUF, Paris, 1993 e VERNANT, J.P. A bela morte e o cadáver ultrajado in *Revista do depto de Filosofia da FFLCH- USP*, Livraria Editora Ciências Humanas, São Paulo, 1979, p.31-61.

[9] SARTRE, J.P. *L´être et le néant*, Tel/ Gallimard, Paris,1943.

[10] Cf. GUIDDENS, A. – *Modernidade e identidade*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2002,p.67.

cantada pelo poeta era capaz de promover a *imorredura*[11] como compensação pela vida breve. A vida longa era sem glória e tinha o ônus do envelhecimento. A bela morte do guerreiro levava à glória póstuma para a qual o guerreiro se achava predestinado. Podemos pensar o quanto tudo isso está próximo da cultura atual. O horror ao envelhecimento e qualquer coisa em nome da celebridade. Mas a bela morte do guerreiro está atrelada necessariamente à honra, como vemos na figura de Aquiles e sua divergência com Agamenon. O que vemos na atualidade é uma separação da vergonha com a honra[12]. Nossa hipótese é que essa questão tem relação direta com o número crescente de quadros de depressão na atualidade. De alguma maneira, a vergonha parece ter rompido o vínculo com a honra. A honra é um conjunto de normas éticas, que ultrapassa o sujeito: que antecede o sujeito e ficará necessariamente depois dele. Nessas culturas que têm a vergonha como centro, como no caso do Japão, é fundamental a relação com os antepassados e com os herdeiros. É preciso reparar o erro para corrigir esse efeito sobre os familiares ou os descendentes que seriam punidos pela desonra.

Jacques Alain Miller (2003) se pergunta como fica a psicanálise quando não existe mais vergonha, quando a civilização tende a dissolver, fazer desaparecer a vergonha? Sem dúvida o autor está tomando a vergonha como necessariamente vinculada à honra. Para ele, portanto, seria um paradoxo pois o surgimento da civilização estaria ligado à idéia de vergonha, a vergonha que remete à honra, aos valores morais da vida em sociedade. A psicanálise inventada por Freud é um campo de saber que teria por limite

---

[11] VERNANT, J.P. – Op.Cit.

[12] Cf. VERZTMAN, J. Vergonha, honra e contemporaneidade, trabalho inédito apresentado no VII Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental, RJ, 2004.

de um lado a pulsão e do outro a cultura. Mas a cultura de que Freud nos fala é a sociedade que impõe obstáculos ao principio do prazer. Miller mais adiante no texto diz: “o olhar solicitado hoje ao se fazer espetáculo da realidade - e toda a televisão é um *reality show* - é um olhar castrado do seu poder de provocar vergonha, o que se demonstra constantemente. É como se essa apreensão do espetáculo televisual tivesse como missão, em todo caso como conseqüência inconsciente, demonstrar que a vergonha está morta... O olhar que é ali distribuído – basta clicar para dispor dele - é um olhar que não mais provoca vergonha. Certamente não é mais o olhar do Outro que poderia julgar. O que repercute nesta vergonhosa prática universal é a demonstração de que o olhar de vocês, longe de provocar vergonha, não passa de um olhar que goza também.”[13]

Em uma sociedade que não constrói ideais sociais, em que cada um vai individualmente construir sua própria narrativa sobre o que é vergonhoso ou não, surgem questões bem diferentes. Há um vácuo, na contemporaneidade e talvez isso se dê pelo enfraquecimento da noção de bem comum.

A vergonha da qual falam esses pacientes que sofrem de depressão não está ligada à honra. No mundo contemporâneo, o lugar da honra vem se tornando cada vez mais exíguo. As práticas públicas no mundo inteiro parecem apontar para essa vertente. A única coisa pela qual se é julgado é pelo desempenho pessoal. Está em cena, como valor central, a noção de competência e na sua oposição a incompetência ou a insuficiência.

---

[13] Op.Cit.p. 128

O melancólico, por sua vez, apresenta-se, ao contrário, como portador de um código moral bastante rígido que não apenas servirá para instrumentar a crítica mordaz que dirige aos outros, como também - e sobretudo - a si próprio. Há nele uma preocupação permanente com a noção de ridículo, tanto no que se refere ao ser ridículo quanto ao próprio ridículo da vida. Ele está ligado a um código moral. Não é o que acontece com o depressivo que vemos na contemporaneidade. O sujeito depressivo da contemporaneidade sofre com a vergonha. O papel importante que o olhar do outro ocupa em sua vida remete para a questão da subjetividade exteriorizada, também perceptível na melancolia, mas de forma diferente. Na depressão, a presença do outro é perturbadora porque apontaria para alguma coisa em que ele seria falho, em que não teria tido a performance esperada, ainda que não tenha clareza sobre sua falha. Na melancolia, a exterioridade é de outra ordem. O outro sabe tudo sobre ele, ele é quase transparente e portanto não haveria interioridade. Não sabe o que é o segredo.

A perda de si e a perda da imagem de si na depressão e na melancolia

Freud ao estabelecer a comparação entre os processos do luto e da melancolia toma a perda como elemento central. A diferença entre os dois processos seria o destino dessa perda. No luto, ela é falada, datada, o enlutado sabe perfeitamente o que perdeu e o trabalho do luto visa elaborar essa perda. Na melancolia, teríamos também, segundo Freud, a certeza de uma perda, só que o melancólico não sabe o que perdeu. Ao mesmo tempo em que a perda é evidente, ela é inteiramente desconhecida. Freud avança a hipótese de que o melancólico não perdeu um objeto mas perdeu-se no objeto.

O paciente depressivo fala do que perdeu, neste sentido, tal como o enlutado, ele sabe o que perdeu. Refere-se a uma perda de quem já foi um dia. Fala de uma perda de si mesmo. Ele já foi alegre, ou espontâneo, ou entusiasmado, ou orgulhoso de si mesmo. Mas isso foi perdido em algum momento. Nem ele sabe precisar quando foi. Nesses relatos, de maneira geral, é possível fazer uma aproximação desta perda de si como uma perda que remete necessariamente à questão da identidade e dos ideais. Trata-se da perda de uma imagem de si geralmente descrita sem possibilidade de metaforização. É uma imagem física de si mesmo que é trazida ao falar deste passado. Naquela época, ele não tinha cabelos brancos ou ela era uma criança loura e vivia rindo. Falava com todo mundo, não tinha vergonha de nada. A narrativa remete a uma imagem, um flash, um momento parado no tempo passado e perdido irremediavelmente. Eles parecem se perguntar: para onde foram? Por que perderam-se de si mesmos? Por que perderam o rosto que tinham quando se olhavam no espelho? Há um lamento de uma perda que é impossível de ser resgatada. O que perderam foi-se no tempo. Um tempo que, para eles, não é contínuo nem para trás nem para frente.

Em vários personagens da literatura podemos encontrar boas ilustrações das características que estamos tentando circunscrever no presente artigo. Assim, por exemplo, em *Ivanov* de Tchecov, pouco antes do final da peça, em que o personagem se mata, ele diz a Sacha (sua noiva) que se olhou no espelho e viu seus cabelos brancos e termina dizendo que eles não devem se casar. Que ela é jovem e seria um erro casar-se com ele. Como se a visão no espelho dos seus cabelos brancos tivesse causado tal impacto e fosse tão decisiva que teria levado com ela todo o lampejo de entusiasmo

pelo casamento[14]. Na última cena, Ivanov fala de si como tendo sido um jovem sincero, esperto, que amava e detestava as coisas com entusiasmo. Fala que trabalhava muito, que lutava contra os moinhos de vento, que batia com a cabeça contra a parede sem medir forças, sem pensar, sem conhecer a vida. Agora tem a cabeça pesada, está cansado, quebrado, sem fé, sem objetivo. Não sabe mais quem ele é, por que vive e o que quer. Ele diz: " trago comigo a angústia, um tédio glacial, a insatisfação, o desgosto da vida... Estou perdido e isso é sem volta!"[15] A força da imagem no espelho é tão grande quanto a do Alferes personagem de Machado de Assis que, sem a sua farda, não é mais capaz de se enxergar no espelho. Somente após vesti-la de novo pôde por fim à enorme angustia e voltar a se ver. Essas vinhetas da literatura podem ajudar a pensar determinadas questões do nosso trabalho e esclarecer determinados aspectos. Em Ivanov, sua fala sobre como ele se via no passado e sobre quem ele é no presente, sem poder fazer qualquer elo entre uma imagem e a outra, serve de exemplo das narrativas dos pacientes que sofrem de depressão. O exemplo do Alferes fala de uma identificação ligada quase exclusivamente a uma imagem especular. O espelho traz por intermédio da imagem a forma com que ele se apresenta aos outros. É somente com a farda que ele existe. Ele é uma imagem, ele é o que o outro vê. Ele não é um ser debruçado sobre si, dilacerado por conflitos interiores, mas um ser para o mundo, o mundo é o seu espelho, o que ele é está fora dele mesmo.

---

[14] Cf. estudo Patrícia SACEANU no trabalho apresentado sobre a questão da imagem de si e as instâncias ideais, no II Encontro de Psicanálise de Itatiaia realizado em maio de 2004.

[15] Tchekhov, A. – *Ivanov* Paris, Actes du Sud,2000 p.272, tradução é nossa.

Nos tempos atuais é muitas vezes desta forma que o sujeito se apresenta. Restou ao sujeito da contemporaneidade um corpo. Uma materialidade que prova a sua existência para si e para os outros e talvez com ele, em muitos casos, o único indício de que dispõe da continuidade da sua existência. Um mundo que vive do aqui e agora, do tempo que voa, do espetáculo, do visível, do descartável, todos esses elementos são muito fugazes. O referencial externo tão estável do início do século passado tendo se volatilizado na contemporaneidade deixa ao corpo das sensações a tarefa de, nesses quadros de depressão contemporânea, circunscrever o modo de existir. É nesse sentido que essas depressões diferem, pela relação que estabelecem com o corpo, com a imagem de si assim com a função que a vergonha desempenha, tanto das depressões histéricas quanto dos quadros descritos como melancolia.

Bibliografia

CANOSA, L. levantamento sobre a noção de vergonha na obra de Freud trabalho apresentado no II Encontro de Itatiaia em maio de 2004, inédito.

DOODS E.R. – *Os gregos e o irracional*, Editora Escuta, São Paulo, 2002,

FERENCZI. S. (1919) Fenômenos de materialização histérica. *Sàndor Ferenczi – Escritos psicanalíticos* , Rio de Janeiro, LivrariaTaurus Editora,1988,p.131-143

FREUD,S. – (1917) Duelo y melancolia, in *Obras Completas Vol..XIV*, Amorrotu Editores, Buenos Aires, 1996.

GAULEJAC Vincent de – *Les sources de la honte*, Paris, Desclée de Brouwer, 1996.

GREEN, André - "Énigmes de la culpabilité, mystère de la honte*".* *Revue Française de Psychanalyse*, 5/2003, p.1539-1653.

GUIDDENS, A. – *Modernidade e identidade*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2002,p.67.

GUILLOMENT. - "La honte, la culpabilité et le statut du tiers entre affect et representation. *Revue Française de Psychanalyse*, 5/2003, p.1593-1597

LAMBOTTE, M.C. – *Le discours mélancolique*, Paris, Anthropos, 1993

MACHADO DE ASSIS – O espelho. *Contos/ uma antologia 1* , São Paulo, Companhia das Letras,1998, p.401-410

MILLER, J.A. – Sobre a honra e a vergonha. *Ornicar?*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003, p.118-139.

NARD, A.E. – *Transtorno de ansiedade social: Fobia social – a timidez patológica*, Rio de Janeiro, MEDSI,2000.

PINHEIRO,Teresa. "Trauma e melancolia" in *Revista Percurso*, n°10,1993,p.50-55

_____ "Algumas considerações sobre o narcisismo, as instâncias ideais e a melancolia" in *Cadernos de Psicanálise*, n°15, SPCRJ, 1995,p.20-28.

SACEANU,P. a questão da imagem de si e as instâncias ideais, trabalho apresentado no II Encontro de Psicanálise de Itatiaia realizado em maio de 2004, inédito.

SARTRE, J.P. *L´être et le néant*, Tel/ Gallimard, Paris,1943

TCHEKHOV, A. – *Ivanov* Paris, Actes du Sud,2000 p.272, tradução é nossa.

TISSERON, S. – *Psychanalyse d´un lien social*. Paris, Dunod, 1992

VAZ, Paulo. Tempo e tecnologia in *Tempo dos tempos* (Org. Marcio DOCTORS), Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003,p.77.

VERNANT, J.P. A bela morte e o cadáver ultrajado in *Revista do depto de Filosofia da FFLCH- USP*, Livraria Editora Ciências Humanas, São Paulo, 1979, p.31-61.

VERZTMAN, J. Vergonha, honra e contemporaneidade, trabalho inédito apresentado no VII Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental, RJ, 2004, inédito.

WILLIAMS, Bernard. *La honte et la nécessité*, PUF, Paris, 1993